

CARNAVAL “DJOU”

Qualquer país é capaz de fazer e mandar um foguete a Marte, ou fabricar uma bomba atômica. Basta ter dinheiro e contratar alguns técnicos especializados ao redor do mundo. Um carnaval como o nosso não, nem com muito ouro e a assessoria de brasileiros é possível fazê-lo em um lugar qualquer: “Mexer com gente é complicado”.

Estou falando do nosso carnaval de regozijo público, que provavelmente evoluiu das festas que na Grécia eram feitas em homenagem ao deus Dionísio, em Roma para Saturno e na Alemanha para Herta. Temperadas aqui com uma mistura originalmente de índios, negros e portugueses (todos brasileiros). Brincamos com alegria espontânea, identificável no povo, fantasiado ou não, de fácil observação em qualquer lugar do Brasil.

Durante o carnaval a Arte está mais na rua do que em outro lugar: em músicas, danças, roupas, performances, mas principalmente no espírito. Ao anunciar o beijo pedimos: “Não me leve a mal, hoje é carnaval”. Vivemos dias mágicos de comunhão, tolerância, criatividade e espontaneidade. Talvez o lapso mais cristão do ano. É um evento cultural fantástico que revela desenvolvimento humano extraordinário. A convivência que propicia entre cidadãos de origens diversas, inclusive estrangeiros, tem sido objeto de estudo e admiração, de nações desenvolvidas que vivem atormentadas com conflitos internos graves, que se aprofundam com o tempo, afastando as pessoas, criando guetos, reservas e muros.

Um espetacular desfile militar bem ensaiado, máquinas sofisticadas, construções monumentais e outras grandes realizações humanas, onde o povo é objeto e não sujeito, parecem menores quando comparadas ao carnaval. O homem em liberdade é grandioso, uma multidão brincando: é formidável! Conhecemos muito mais a intimidade da matéria (átomos) e astros celestes distantes milhares de anos luz, do que a nós mesmos. Embora esta seja a primeira proposição da filosofia. Motivar pessoas para a alegria é tarefa muito mais difícil do que levá-las à guerra ou a construir pirâmides faraônicas. Atores dizem que é mais fácil sensibilizar a platéia representando um drama do que uma comédia. E que comédia divina é o nosso carnaval!

Tenho passado o carnaval em Barra do Jucu. Aqui ele é o desenvolvimento natural de uma das vertentes do congo. Quando os conguistas se reuniam para tocar nos finais de semana e o congo era um “equipamento” social de comunicação, através de jongos improvisados narravam os acontecimentos recentes na comunidade. Naquele tempo todos trabalhavam na Barra, vivenciavam o ambiente, conheciam os vizinhos e não havia a TV catalisando atenções.

O Bloco Surpresa, onde “baseado na liberdade cada um tem o seu papel”, sai sem cordão de isolamento e as adesões surpreendem. É a principal atração do carnaval barrense, herdou a tradição jornalística do congo, desfila destacando eventos do ano. Nossos horizontes foram ampliados com a TV, fatos ocorridos do outro lado do planeta são interpretados com absoluta irreverência.

A outra vertente do congo, a musical, tem sido desenvolvida por bandas que incorporaram novos instrumentos e mesclaram o congo com diferentes ritmos. É o caso da Banda Casaca.

Este ano o carnaval da Barra do Jucu poderá voltar à origem: tema, música e heróis locais se confundindo. Trazendo Marte pra cá e levando a Casaca “djou” (de outro mundo) até lá.

Kleber Galvêas – pintor

02/04

Ateliê Kleber Galvêas

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil - Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: atelie@galveas.com www.galveas.com

HORÁRIO: Todos os dias das 12:00 às 18:00 h. Sextas e Sábados até às 22:00